

Meus compadres
 Perissiano e Solares
 alguns poemas
 mandos, junto
 sem limites.
 Antonio
 19.5.84

TAPERA 2.000

É longa a ronda da espera
 quando o mundo é uma tapera.

A terra seca mais cedo neste inverno.
 A alma treme de medo neste inferno.

Uma estampa de cavalos,
 um fantasma de mulher,
 uma mão cheia de calos
 desenhando um malmequer.

A rosa do mês de abril
 morreu no ano 2.000

As vezes um vento aporta
 batendo de porta em porta.
 ... e a fúria fica covarde
 nos tons lilazes da tarde.

Nos meus cabelos grisalhos,
 uma colcha de retalhos,
 ... Contraditórias lembranças,
 desilusões, esperanças.

Por estes rincões, um dia
 houve flores e alegria,
 e serenava e chovia
 quando até plantas havia.

(Sobre a coivara do mato
 ardendo ao sol de verão
 pinto o futuro retrato
 das gerações que virão.

Pois vai conhecer o fim
 quem chegar depois de mim.)

A mim ame Heleno,
 e todo o carinho que tenho
 pelas palavras que se vão sair

P. L. 14.06.86

[Handwritten signature]

RETRATO

Estas botas parecem da família,
desbotadas de suor e água de sanga,
lustrosas nas correias das esporas,
com seus bordados que teceu o mato,
desenhados a mãos de unha-de-gato
e japecanga.
São velhas botas de solado gasto
já deformadas de viver de arrasto.

A bombacha vem cheia de remendos,
já tão rala nos joelhos e fundilho,
nos joelhos, gastou com cada filho
que me subiu ao colo
em busca da canção de campear sono.
O fundilho se foi na lida bruta
de amansar potro e de sovar pelego.
E o pano original de ~~foi~~ comendo
até meio sumir-se entre remendos
em triste imitação da alma do dono.

A guaiaca vermelha, sem curtume,
que muito carregou armas de briga,
mal me suporta o peso da barriga
como na espera de que alguém a aprume.

O lenço é um maragato desbotado,
este braço que ondula no pescoço
e que é o mesmo que andava, quando moço,
a tremular aos ventos, no passado.

E que dizer das guascas, do chapéu,
um lombilho quebrado, uns pelegos
rabonados de uso,
as cordas ressequidas,
dão-me a idéia, talvez, de algumas vidas
que se preparam pra enfrentar o céu.
E poncho, e cama, e rancho em desalinho,
há em tudo um retrato mal traçado
do muito que já tive no passado
e o pouco que restou neste caminho.

E a alma, - Santo Deus - a alma,
como andar por dentro a velha bruxa?
A cada dia mais serena e calma
mas cada vez mais guapa e mais gaúcha.
Resignação, amor, saudade, espera,
nas lembranças dum tempo que foi lindo.
E uma réstea de luz, tremeluzindo
para as tardes azuis da primavera.

O TIGRE

O tigre que mora em nós
tem a boca amordaçada.

Como bom civilizado
tem a palavra macia,
faz gestos de cortesia
mas tem p pêlo pintado.

O tigre de cada um
nas entranhas se homizia.
Não se mostra a corpo visto
nem se alimenta de dia.

Seu esturro não se houve
a não ser tarde da noite
quando não haja ninguém.

Então o bruto avoluma,
retoma o corpo de fera
e cresce desmesurado.
Ronca e uiva de estertor
como um sonho libertário.

É dono do nosso corpo,
é o que faz e que acontece
quando ficamos sozinhos
depois que a sombra aparece.

É de vê-lo como briga,
como maltrata e destrói,
crava os dentes na ferida
no lugar onde mais dói.

É do fundo do inconsciente
e sem motivo aparente
que se liberta inclemente
o tigre de cada um.

ESTES VENTOS

Estes ventos que sopram, não me abalam,
vêm sempre de outros pagos, estes ventos,
e v~~ã~~rem este chão de movimentos
e se rebolcam, uivam e não calam.

Que linguagem macabra essa que falam,
às vezes maldições, outras lamentos,
são pintores do negro e do cinzento,
exalam contrabandos, quando exalam.

A mim, pouco me importa no que dizem,
que sabem os de longe, os infelizes,
importadores de alheios pensamentos.

Sou velho tarumã, verdes matizes,
busco a seiva do chão pelas raízes
sem me importar na fúria desses ventos.

POR FAVOR, TERNURA

Que saudade dos tempos que se foram,
este pago que amei não é mais meu.
As pessoas de agora endureceram,
pois a fraternidade se escondeu.
Tantos sonhos plantei e não nasceram.
Que versos mais pesados tenho eu.

Tanta gente sem olhos e sem boca,
a coragem, por pouca, se perdeu.
Há nestes homens um olhar perdido
quando se cruza, aflito, com o meu.
A canção do meu povo é quase um grito
que se levanta ao céu e indaga a Deus.

Não te vás, ternura,
hoje que eu preciso,
'tás de mal comigo,
queres refugar.
Tenho a alma dura
de agüentar mentiras,
e apanhar da vida
sem poder chorar.

Por favor, ternura,
eu queria tanto
que esta noite escura
fosse de luar,
pra soltar meu canto
e embalar a lua
como quem flutua
nas canções de paz.

CHASQUE AO GLAUCUS SARAIVA

(que me levou um bodoque)

A funda que hoje tu levas
para o museu que iniciaste
é o que sobrou dos meus trastes
do meu tempo de guri.
Todos os outros, perdi,
que o tempo em sua constância
repontou a minha infância
pras invernadas do fundo.

Como era lindo o meu mundo,
com seu encanto e seu medo,
cada piá fez seu brinquedo
para o bolso da bombacha.
Assim, um par de borrachas,
forquilha de pitangueira,
veio acender a fogueira
que incendiou o meu sossego.

De uma garra de pelego
no mais, foi feito o courinho.
Quarenta e seis passarinhos
vão marcados na forquilha.
Um a um seguiu a trilha
do pulso que não errava.
E eu parece que ensaiava
para os combates da vida.

Jazia hoje esquecida
minha arma de criança
quando voltou a lembrança
de todas minhas caçadas.
Vi de novo a gurizada
as voltas com passarinhos,

os vidros do meu vizinho
só porque eu errei num pombo
me deram riscos no lombo
pra não tocar mais em fundas.

O traste que hoje repontas
acolherou muitas contas
no meu rosário de tundas.

Fevereiro 1.956

SINFONIA DO ARADO

O meu canto é para ti,
agricultor operário,
vida pobre, insatisfeita,
de pequeno proprietário.
Como a planta pouco rende
precisa alugar o braço
e sonha boa colheita
e espera melhor salário.

O meu canto é para ti,
gaúcho meio alugado,
que andou metade da vida
nas costelas de um cavalo,
e gastou toda a família
atrás da verga do arado,
erguendo sonhos humildes
na direção do povoado.

O meu canto é para ti,
homem de sina amargada
que pôs a alma na mala
e ergueu os olhos pra estrada.
Este rumo não tem volta,
a cidade é uma cilada
com seu pão de padaria,
com sua água comprada.

Sempre há um novo horizonte
e a vida melhor não tarda,
pois depois de cada noite
raia nova madrugada.
Minha alma irmã da tua,
prevendo um tempo mudado,
canta versos de fartura
na sinfonia do arado.

Fica na terra, irmão,
não partas que o sonho é louco.
As plantas que te dão pouco
um dia te renderão.
Não abandones teu chão
nem teus bois, nem teu cavalo,
tua enxada me faz calo
no coração.

MARCA SAUDADE

Antonio Augusto Ferreira.

Vai ficar um vazio nas paredes
neste rancho, amanhã de manhã,
minha amiga de ternos carinhos
que me aperta seu braço de irmã.

Vai ficar ressoando na sala
a canção que a amizade escreveu.
Esta marca que queima na alma
você sente tão bem como eu.

Marca que vai
marca que vem,
saudade, brazeiro vermelho,
ardendo no peito
queimando também.

Neste mundo de loucos horários
quando tudo parece rodar
nas paredes humildes de tábua
ficará sua voz a cantar.

Leve um pouco do muito que fica
da saudade que ronda este lar.
Esta casa parece vazia
esperando-te um dia voltar.

Marca que vai.....

(composição musicada na marcação do Rincão do Inferno 32)

CORDEIRO DE DEUS

Cordeiro de Deus,
que tirais a fome do mundo,
tende piedade de nós.

Cordeiro de Deus,
que abrandais o frio do mundo,
rogai por nós.

Eis a ovelha,
Como são mansos seus olhos.

Nos fundões de campo desta terra
sua carne mata a fome.

Ovelha, velo, vela,
tudo se reduz a um só consumo
na vida simples do homem da campanha.
A carne, é como o pão de cada dia;
a lã - nas roupas de trabalho,
nos bicharás de repontar garças
nestes invernos de Deus;
até a chama do candeeiro, ardendo a sebo,
nos ranchos mais humildes desta terra
onde nem luz de lampião logrou chegar.

Eis a ovelha,
e como é bom criá-la.
Que doce encanto esse, que é-nos dado
cuidar criatura tão infensa,
pois nós não somos os seus lobos,
a mão da faca é a mesma que lhe pensa.

Não sou dos que vêem crueldade
na matança desses animais
criados pra morrer em holocausto.
Não pensem que a pieguice dos incautos
vai desviar a faca ao nosso braço.
A carne vai sobrar em nossa mesa,
a graxa vai chiar em nosso prato.

Ah! criar ovelhas,
apartar rebanhos.
É preciso ciência de campeiro
para entender de velos e de raças
e saber que o rebanho mais viceja
debaixo dos cuidados de seu dono.

É preciso saber, quem cria ovelhas,
viver com elas, tal se fosse uma,
para entender seus males, seus desejos;
conhecer de carências, de manejos,
de doses certas, de estação de monta.

É preciso ter alma de campeiro
para alegrar-se nas manhãs de agosto
num reboleiro de cordeiros.

Coisa bela, essa, de criar-se,
ver a vida brotar às nossas mãos,
tomar-se ao colo o recém nascido,
gelado fruto, agora posto em vida
e dar-lhe o calor qu'inda lhe falta
para que viva e que se crie,
e venha um dia devolver calor
na lã que lhe sobra, e tanta falta
faz ao nosso tanto frio.

Sou um homem da terra,
tenho raízes nas pedras.
Não posso ser um sentimental.
Mas a cada ovelha de consumo
não posso desviar-me dos seus olhos,
seus mansos olhos de piedade e de perdão.
Não me é possível olvidar
o seu destino de se dar inteira,
corpo e pele para a fome e frio,
graxa de luz para os que não a tem.

Ah! destino piedoso
esse de ofertar-se entre pedaços
para tornar possível nossas vidas.

E por acaso
não seremos nós, seus criadores,
portadores de sina parecida?
Não são do nosso braço
as casas que erguemos,
as coisas tantas que fazemos
(como já fizeram nossos anteriores).
Obras que ofertamos
aos que vieram depois de nós,
aos que estão vindo
e aos que chegarão.
Não seremos nós, os passageiros
desse comboio que viaja em nosso tempo,
os que estamos construindo um mundo bom
para ofertar-lhes,
regado pelo suor da nossa carne,
aquecido no calor de nossa pele?

Sinas iguais.
AGNUS DEI.

Antonio Augusto Ferreira
19.5.88

SENHORA

Antonio Augusto Ferreira
1.9.88.

Como me assusta

Eu não-entendo, senhora,
tanta demora
no pousar-me os olhos verdes,
prisão de quatro paredes,
cadeia de fina rede
que me prende, como agora.

Olhar tão calmo, senhora,
cala fundo, desagrava,
inunda, não sendo água,
não sendo fogo, devora.

Prisioneiro, de repente,
eu, que pensava ir embora;
meu corpo sofre, doente,
mas meus olhos ficam quentes
tocando nos seus, senhora.

Meus desejos são de rôgo,
meus silêncios, mal-viventes.
Seus olhos fazem o jogo
de queimar, não sendo fogo
e inundar, sem ser torrente.

Não se surpr'enda, senhora,
de ver-me assim tão carente,
tanta insônia de repente
nos olhos de quem não chora.
Sonharei seus olhos verdes
cada dia, cada hora,
que a solidão aparova
quem ^{for} pádece tanta sede.

MAIS UM INVERNO

Antonio Augusto Ferreira
18.03.88

Outra vez mais um inverno
chegou nas noites de maio.

Só eu mesmo e meus silêncios
nos devolvemos pra dentro.
As vezes falo sozinho
com medo da solidão.

quem tem os olhos molhados
quer fugir da luz do dia.
A noite fica comprida
quando a vida anda vazia.

Os cavalos que há tive
vão passando.
Tou de volta na querência,
mesmo sonhando.

O que resta são lembranças,
não me iludo.
Mocidade foi embora,
fugiu com tudo.

A saudade não tem pressa,
gasta as horas, lentamente,
meu jeito desesperado
de esconder-me do presente.

ESSA SEDE

Antonio Augusto Ferreira

20.5.87

Essa sede que anda em todos
de cantar os desacertos,
a palavra em linhas tortas,
tentando arrumar a casa;
esse jeito irreverente
de revolver as saudades;

Essa audácia que há nos moços
de pegar um preconceito
e revirá-lo do avesso,
desnudando o necessário,
depois guardá-lo no armário
lavado e passado a ferro;

E a vontade de ver mais,
a coragem na investida,
cada um com o seu jeito,
seu pedaço de ousadia,
como quem encilha um potro
para floreá-lo na lida;

Essa de passar cantando
(se é proibido cantar)
e erguer-se sobre um palanque
nas barbas de quem acusa,
a palavra como um laço
que se atirasse na lua;

- Essa sede vem da terra (companheiro)
sobe ao corpo, busca a alma,
tão forte, que a gente acorda.
Vem da terra esse arrepio,
igual as águas do rio
no dia em que o rio transborda.

A DOR DO SANGUE

Antonio Augusto Ferreira

13.10.85.

Eu prefiro a dor visível,
a dor que apareça,
dessas, que alguém vendo, não esqueça,
que mostre o quadro como mais horrível.

Eu prefiro a dor pra fora,
dor de uso externo,
que cause a impressão a toda a hora
de sofrimento eterno.

O sofrimento oculto é degradante,
a dor, que não se vê, causa piedade.
É preciso, decerto, caridade
para entender a dor sem comprovante.

A dor boa é a do sangue,
mas muito sangue golfando da ferida,
fazendo crer ao sofredor exangue
que pelo talho se lhe vai a vida.

O sofrimento é sempre uma resposta.
Eu, ah!, eu é que sei pelo que passo,
preferiria pensar o meu pedaço
ante os horrores da fratura exposta.

Francamente a dor que me atormenta
é vil e tão ferina em covardia
que nem ao menos se apresenta
ante as vidraças da radiografia.

Dor que se preze, dor que se sustenta,
precisa chega grande ou talho fundo.
De certa forma conforta o penitente
a visão da morte que devora o mundo.

Sim, a visão conforta.
É pelos olhos que se esvai a vida.
Quando o olhar se afunda na ferida
é que se entende a natureza morta.

A visão da dor materializa
o sofrimento. Dá-lhe corpo. É isto!
A dor nos santifica e eterniza,
foram as chagas que enfezaram Cristo.

Lembrem o santo quadro do madeiro,
o pobre mártir se passou aos bravos
porque mostrava a ulceração dos crav
e uma coroa de espinhos agulheiros,

e morreu com dor visível,
o lançaço no peito, o desconforto
da cruz que suportou o homem morto
fê-lo Deus, eterno e imperecível.

Deu-lhe o direito a ressurgir, até,
voltar a vida para novas sazes,
e de exhibir, mais uma vez, as chagas
ante incrédulos olhos de Tomé.

Sim, Tomé virou Santo ainda em vida,
pois foi tomado da fé inquebrantável
depois da conferência inevitável
de haver metido o dedo na ferida. .

Melhor é a fé oriunda da perícia,
mais se crê com laudo comprovante.
A cor do sangue é sempre mais gritante
dispensa provas. Traz a dor implícita

POR ISSO, não confio em sofrimento
que devore as entranhas, sem ser visível
Sem a prova do sangue, francamente,
ninguém convencerá. Nem Jesus Cristo

LAGOA

Tenebro dos Santos Moura

De noite as rãs começam a cantar
e a lagoa adormece ...
E enquanto aquela cantilena cresce
e se espalha longe na canhada,
ecoando um canto triste na restinga.
É grito estrangulado de urutau.
Mas pode ser, também, de alma penada.
Em noite escura o sítio se transforma,
é cheio de mistérios e temores,
sem a beleza esplêndida das cores,
nem pássaros cantando.
E o vulto das árvores parece
duendes feios com braços acenando.
Mas quando surge o sol iluminando
o céu, o chão, as flores e os caminhos,
no arvoredo cantam passarinhos,
dourada pelo sol, a lagoa reluz.
As gotas de sereno são como diamantes fulgindo.
Até o meu rancho pobre é caiado de luz.
A lagoa desperta e se enfeita de pássaros.
As garças, plumas brancas, vêm chegando
trazidas pela brisa matinal.
As saracuras cruzam mariscando,
ariscas no juncal.
Na lagoa tranquila andam nadando
marrequinhas de penas cintilantes,
que até parecem feitas de cristal.
Estirado no ar, num vôo lento,
vem de longe um socó;
parado dentro d'água sonolento,
um João-Grande, nem sei, quem sabe, sonha.
Tem jeito triste de quem vive só.
Eu e meu cusco caminhando à toa
irmanados os dois vamos seguindo.
O cusco vai na frente farejando.

Eu vou sobre a lagoa refletindo.
Para o cusco a lagoa é o seu mundo encantado,
onde o rancho, o salgueiro, o capim e o gado,
no espelho crespo da água, aparecem virados;
mas eu acho a lagoa parecida com a alma da gente:
um pouco suja, às vezes de enchurrada;
cheia de luz nos dias de sol quente.
É as vezes tranquila, quase sempre agitada
com o céu lá no fundo, mais profundo que o mar;
nuvens grossas cruzando em dias de trovoadas,
em noites silenciosas, estrelas a brilhar.

RETRATO

Antonio Augusto Ferreira

Estas botas parecem da família,
desbotadas de suor e água da sanga,
lustrosas nas correias das esporas,
com seus bordados que teceu os riachos.
Desenhados a mãos de unhas de gato
e japecanga.
São velhas botas de solado gasto
já deformadas de viver de arrasto.

A bombacha vem cheia de remendos,
já tão rala nos joelhos e fundilho,
nos joelhos, gastou com cada filho
que me subiu ao colo
em busca da canção de campear sono.
O fundilho se foi na lida bruta
de amansar potro e de sovar pelego.
E o pano original se foi comendo
até meio sumir-se entre remendos
em triste imitação da alma do dono.

A guaiaca vermelha, sem curtume,
que muito carregou armas de briga,
mal me suporta o peso da barriga

quom eorum sed ordare

De uero et de consuetudine et

etiam de consuetudine et

etiam de consuetudine et

etiam de consuetudine et

etiam de consuetudine et

etiam de consuetudine et

etiam de consuetudine et

etiam de consuetudine et

etiam de consuetudine et

etiam de consuetudine et

etiam de consuetudine et

etiam de consuetudine et

etiam de consuetudine et

etiam de consuetudine et

etiam de consuetudine et

etiam de consuetudine et

etiam de consuetudine et

etiam de consuetudine et

etiam de consuetudine et

OTATIP

etiam de consuetudine et

etiam de consuetudine et

etiam de consuetudine et

etiam de consuetudine et

etiam de consuetudine et

etiam de consuetudine et

etiam de consuetudine et

etiam de consuetudine et

etiam de consuetudine et

etiam de consuetudine et

etiam de consuetudine et

etiam de consuetudine et

etiam de consuetudine et